

Era uma vez um filho, hoje pai

WALTER MEADE



É maravilhosa a certeza de um filho, de que seu pai sabe fazer *tudo* — até que chega o dia em que...

CERTA noite, no inverno passado, eu estava em casa lendo, quando meu filho, Luke, se aproximou cautelosamente, em silêncio. Deixou-se ficar por alguns momentos fora do alcance da luz produzida por meu velho lampião de cobre, o mesmo que, no passado, iluminava o consultório médico de meu pai.

Ultimamente, Luke deu para me procurar, a respeito de seus problemas, justamente nas poucas horas que tenho para ler. Há alguns meses,

ele preferia procurar-me quando me via trabalhando no jardim. É possível que se sintia mais à vontade com suas dificuldades quando estou fazendo algo que um dia ele também fará. No último outono, aprendeu a plantar sementes e a deixá-las em paz, em vez de escavá-las no dia seguinte para ver se tinham crescido. Este ano já está começando a ler sozinho — embora não me convença de que o consiga.

Levantei os olhos do jornal, e ele me concedeu seu melhor sorriso. Então, sua expressão se tornou repenti-

namente séria — numa imitação não muito lisongeira de mim mesmo quando estou sério.

«Quebrei minha serra», disse, mostrando o brinquedo que trazia escondido. «Olhe.»

Não me perguntou se eu sabia consertá-la. Sua certeza de que eu o faria era o elogio de um garotinho ao mágico reparador de velocípedes, autoramas e outros brinquedos.

O cabo de plástico da serra tinha se partido. Meu pai, que colecionava instrumentos de todas as profissões, não teria aprovado uma serra com cabo de plástico.

«Há alguns pedaços faltando. Onde estão?»

Luke abriu a mãozinha e mostrou os fragmentos. Eu não fazia idéia de como aquilo pudesse ser consertado.

Ele me olhava atentamente, e sua expressão revelava uma certeza absoluta de que eu poderia fazer qualquer coisa. Aquele olhar me despertou lembranças. Examinei a serra com muito cuidado, remexendo os pedaços quebrados em minha mão, enquanto o passado revolvía em minha mente.

QUANDO eu tinha sete anos, fui ao consultório de meu pai depois das aulas, num dia de novembro. Meu pai era o melhor médico numa área de mil quilômetros em redor da cidadezinha onde vivíamos. Eu ficava constantemente aturdido a seu respeito (assim como seus pacientes) pelas coisas que ele podia fazer. Podia não apenas curar qualquer coisa de que alguém sofresse, como sabia ainda domar um cavalo bravo e deslizar de

pé, em meu trenó, por uma encosta íngreme! Eu gostava de fazer hora na sua sala-de-espera, ouvindo as pessoas me chamando de «doutorzinho», e gostava também de ver como seus pacientes pareciam se sentir muito melhor quando saíam do consultório.

Naquele dia, a razão de minha ida lá era ver meu melhor amigo, Jimmy Hardesty. Jimmy não ia à escola havia três dias, e sua mãe tinha mandado um recado pela enfermeira de meu pai, dizendo que iria trazê-lo da fazenda nesse dia.

Quando o último paciente saiu, ainda não havia sinal de Jimmy. Meu pai foi fazer algumas consultas, e eu o acompanhei. Gostava de me levar consigo porque adorava contar histórias enquanto dirigia — e acho que eu era o melhor ouvinte do mundo, principalmente quando se tratava das histórias de meu pai.

Eram quase sete horas quando terminamos. Íamos regressar a casa quando meu pai disse, de repente: «Vamos voltar e dar uma olhada no Jimmy.» Senti-me grato, certo de que meu pai estava fazendo isso só para me agradar.

Meu pai entrou com o carro pelo pátio da frente. Alice, a irmã mais velha de Jimmy, veio correndo e atirou-se a ele, chorando, tremendo e tentando dizer: «Oh, doutor! Jimmy está morrendo! Papai está correndo a cidade toda procurando pelo senhor. Graças a Deus que veio. Estava fazendo um pouco de frio, mas Jimmy começou a suar e acaba de fechar os olhos.» Continuou falando desse jeito e se pendurando em meu pai.

Este nunca se apressava. Costumava dizer que não havia nenhuma razão para pressa — se a gente tivesse que se apressar, seria porque já era tarde demais. No entanto, pediu a Alice que o soltasse e então começou a correr.

Segui-o cozinha adentro e pelas escadas escuras e estreitas. Jimmy estava respirando muito depressa e emitia ruídos estranhos. Havia tantos cobertores sobre ele que eu mal podia ver seu rosto à luz bruxuleante das lâmpadas a querosene. Parecia emaciado e sua pele brilhava.

Sua mãe não disse nada. Era uma mulher alta e de rosto redondo, que eu nunca tinha visto sem avental. Ficou atrás de mim, com as mãos sobre meus ombros, enquanto meu pai, após auscultar Jimmy, ajustou uma agulha hipodérmica na seringa, e levantou-a contra a luz. A Sra. Hardesty, Alice e eu vimos claramente quando uma gota escorreu pela ponta da agulha. Eu tinha certeza de que nela estava o milagre de que precisávamos.

Meu pai aplicou a injeção, apanhou um pedaço de gaze em sua mala preta e colocou-a sobre a boca de Jimmy. Inclinou-se e começou a respirar com ele. Ninguém se mexia naquele quarto, e não se sentia qualquer ruído.

Então, de repente, ouviu-se o horrível barulho de meu pai respirando sozinho. Senti as mãos da mãe de Jimmy se apertarem em meus ombros, e sabia, como ela também, que algo tinha deixado de funcionar, mas meu pai continuou inflando os pulmões de Jimmy. Depois de algum tempo,

a Sra. Hardesty foi até a cama, pôs a mão sobre o ombro de meu pai e disse, calmamente: «Ele se foi, doutor. É inútil. Venha. Meu menino já não está conosco.» Meu pai não arre-dou pé.

Então, ela me tomou pela mão e fomos para a cozinha. A Sra. Hardesty se sentou numa cadeira de balanço, e Alice, com a expressão mais distante que já vi em alguém, atirou-se em seu colo. Vim até a entrada, e me sentei num degrau da escada, sob completa escuridão. Não queria que ninguém me visse ou ouvisse.

Quando o Sr. Hardesty chegou em casa e viu nosso carro, subiu as escadas correndo. Em poucos momentos, comeci a ouvir vozes; depois, o silêncio e, de repente, vozes de novo. Finalmente, ouvi o som de pesados passos de homens nas escadas. Meu pai saiu e eu o segui até o carro. Durante todo o caminho para a cidade, se manteve em silêncio, e eu não me atrevia a lhe dizer nada. O mundo que eu pensava conhecer jazia enterado em meu coração.

Não fomos para casa; em vez disso, voltamos para o consultório. Deixou-se ficar sozinho na porta por um instante. Então, chamou meu nome em voz alta, com raiva, deu-me a chave e disse: «Abra! Eu não consigo.»

Eu estava com muito medo. Não tinha sido habituado a fazer as coisas para ele — era sempre o contrário. Entramos no escritório às escuras. Pedi-me para acender o lampião e começou a folhear livro após livro, procurando desesperadamente por algo que talvez devesse ter feito.

Eu queria fazê-lo parar, mas não sabia como. Não poderia imaginar como aquela noite iria terminar. De vez em quando, mesmo sem querer, eu começava a chorar.

Finalmente, ouvi alguém à porta, e saí para a sala-de-espera, grato a quem quer que fosse. As notícias de uma vida que começava ou terminava corriam depressa numa cidadezinha como a nossa. Minha mãe tinha vindo nos procurar.

Ela se ajoelhou, acariciou-me, esfregou minha nuca, e eu me lancei nos braços dela, como não o fazia desde bebê.

«Oh, mamãe, por que ele não conseguiu, por quê?» Eu chorava e tinha a cabeça contra seu ombro.

Ela acariciou minha nuca até que eu me acalmasse. Então, disse: «Seu pai é mais forte do que você, mas mais fraco do que a vida. Nós o amamos pelo que ele pode fazer; mas não o amamos menos pelo que ele não pode. O amor sempre tolera — não importa o quê.»

Embora eu não estivesse certo de ter compreendido o que ela quis dizer, senti a importância daquelas palavras. Então, ela entrou para trazer meu pai.

AQUELE inverno parecia ter se estendido interminavelmente em minha

mente, quando o revivi, mas a memória o resumiu em poucos segundos, enquanto contemplava os pedaços do brinquedo quebrado de Luke. Finalmente, disse-lhe: «Acho que está quebrado mesmo.»

«Eu sei. Conserte para mim.» Havia uma impaciência mal disfarçada em sua voz.

«Não consigo», respondi.

«Claro que consegue.»

«Lamento muito, meu filho, mas não consigo.»

Ele me olhou — e a expressão de confiança absoluta desapareceu. Seu lábio inferior tremia, e teve de suster as lágrimas que ameaçavam aflorar.

Sentei-o em meu colo e fiz o melhor que pude para confortá-lo, pelo brinquedo quebrado e pelo ídolo caído. Pouco a pouco, o choro estancou. Eu tinha certeza de que ele sentia a minha melancolia, ao me ver como um mortal comum, aos seus olhos, porque se manteve agarrado a mim durante muito tempo, com o braço me enlaçando o pescoço.

Quando saiu do quarto, olhando-me de forma direta e compreensiva, pude ouvir a voz de minha mãe, dizendo-me à sua maneira que o amor não era condicional. Antes como filho, hoje como pai, eu sabia que, da angústia daquela descoberta, começava a nascer a compreensão.



SE QUISER entender a vida, pare de acreditar no que os outros dizem ou escrevem, e passe a observar e a pensar você mesmo. — Anton Tchekov

MUITAS reconciliações fracassam porque ambos os cônjuges vêm preparados para perdoar, mas não para serem perdoados. — C. W.